

(Con)Tradição: Inovações de uma performance.

SARAH LEÃO LOPES¹; CARMEN ANITA HOFFMANN²

¹ Universidade Federal de Pelotas – sarah.leao.lopes@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – carminhalese@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma reflexão sobre a reconstrução e reconfiguração constante de uma ação performática construída pelo coletivo Caminhos da Dança na Rua em 2018, cujo nome é Con(tradição). A ação foi inicialmente construída para ser apresentada em um evento fechado, mas posteriormente tomou proporções distintas, sendo modificada sempre que se fez necessário. Desfizemos e reconstituímos o tecido desta performance várias vezes, tornando-a possível para o ambiente urbano que é o principal espaço de ação do grupo. A intenção da ação, entretanto permaneceu a mesma: Colocar em jogo a questão de estereótipos que “vestimos” no dia-a-dia para conviver em sociedade, entendendo que em muitos casos, estes papéis adquiridos enrijecem a conduta moral e ética humana.

Para suscitar tal questão optamos por usar figurinos da cultura tradicional gaúcha, cuja tradição detém códigos de conduta de gênero bem definidas, entretanto invocando uma imagem já transformada deste arquétipo. A arte pronunciada na rua se configura como estratégias de resistência e micropolítica, partindo do conceito de GUATTARI;ROLNIK (1986). Tal como evoca uma experiência mapeada pelo corpo, advinda da experiência com a cidade, e em relação com a rua, nomeada como corpografia por BRITTO; JACQUES (2008) Por fim, buscamos pontuar o aspecto político e relacional da arte performática, que se dispõe a um diálogo horizontal entre performers-artistas e partipadores-observadores, elucidando aqui o conceito de espectador emancipado de RANCIERE (2014), assumindo uma potência política do corpo e da arte.

2. METODOLOGIA

A ação performática Con(tradição) passou por diversas modificações, entretanto o texto apresentado aqui ira se debruçar sobre sua mais recente aparição, ocorrida no dia 21 de agosto às 19:30, na rua Alberto Rosa em frente ao prédio do Instituto de Ciências Humanas, ICH e da Biblioteca. Esta ação, pelo segundo ano seguinte, esteve integrada à semana do folclore oferecida pelo NUFOLK (Núcleo de Folclore), projeto de extensão da UFPel. Para tanto, ao se pensar em seu novo formato, foi levado em conta o contexto e o local ao qual ela estaria inserida. A integração da performance na semana do folclore é uma troca importante entre um projeto que elucidava a relevância da cultura popular, e um projeto que propõe a experiência artística a partir de rupturas.

Construímos um novo *script* de ação coletivamente, com direcionamento coreográfico de Débora Souto Allemand, idealizadora do grupo. A presença das outras integrantes foi determinante para a construção do roteiro performativo, a começar pela escolha da música Etérea, do músico Criolo. Uma das integrantes

que recentemente foi batizada em uma casa de nação, nos trouxe a vontade de entoar um canto de terreiro em algum momento do ato. Assim sendo, levando em conta o caráter colaborativo e diverso do grupo, essencial para o nosso fazer-artístico, formulamos um processo que se desdobrasse no momento político atual, de canto e força.

Junto ao figurino de CTG (Centro de Tradição Gaúcha), usamos também uma máscara de tiras pretas de tecido, que tampam nossos rostos, e consequentemente atrapalham consideravelmente nossa visão. A linha de tempo da performance começava com cada um dos integrantes em algum ponto do quarteirão, ficando por cerca de dois minutos imóveis, seguido pelo início da música *Etérea* e o início da nossa performance com *Vogue*. Ao passo que a música termina, começamos a nos movimentar – com a visão obstruída - até um ponto escolhido, momento que acontece um improviso de contato-improvisação.

Após este instante, nos locomovemos até chegar em um portão, colocando por fim, os chapéus na frente dos nossos rostos. Ali executamos alguns movimentos com os braços, e depois o teor da performance muda. O desfecho acontece com N. atravessando a rua enquanto um som de sapato preenche o quarteirão. Nós, que nos mantemos com o rosto coberto pelo chapéu, tateamos para atravessar a rua e ir em direção a N. que nos guia com o som de sua voz, e com o seu canto. Após esta deixa, nós tiramos o chapéu da frente dos nossos rostos e gritamos.



Foto 1: Grupo reunido na construção do ato. Créditos: Débora Souto Allemand

A construção do ato, além de integrar uma parcela da vontade de cada participante, levou em consideração os aspectos da dinâmica da rua, os pontos mais movimentados e a posição mais estratégica possível para o desfecho final. Havia na ocasião um público específico, para além dos transeuntes, inseridos na semana do folclore. O contrato de risco que fazemos ao colocar nossos corpos em ação de forma exposta considera as infinitas possibilidades interpretativas que

os espectadores – emancipados do intermédio do palco – podem vir a ter. Pois, compreendemos que a ausência de uma narrativa pré-estabelecida propõe uma autonomia reflexiva sobre quem é atravessado pela performance.

Nós que performamos tivemos que acessar uma memória corporal lúcida e consciente para nos locomovemos com a visão obstruída, situação possível pelo conhecimento prévio que – corporalmente – temos do quarteirão que a ação ocorreu. Para quem foi envolvido pela nossa performance, a possibilidade de ver um ambiente adormecido pelo cotidiano, ser “palco” de um momento desviante. O aspecto da memória corporal do espaço é algo que também se reconfigura – para todas as partes envolvidas - no ato do fazer performático. Transformar a rua em ambiente expressivo, e suscitar outras formas de se relacionar com o espaço comum é um ponto importante a se destacar, pois mudando o olhar é possível a relação.



Foto 2: Ensaio na rua. Créditos: Cleyci Colins

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A importância do coletivo “Caminhos...” Para além de suas ações, está em sua filosofia como grupo artístico. O fator acolhimento e diversidade, gera profundas conexões e sutilezas, que tornam possível um fazer artístico na rua, repleto por improvisos e acordos gerados no momento do ato. Um dos exemplos foi o método para lidar com a visão obstruída, enquanto performávamos. Além de nos valermos do conhecimento corporal acerca do ambiente, contamos também com uma íntima confiança uns nos outros, e também no direcionamento sutil gerado pelo som da voz de N.

Ao propor uma dicotomia imagética a partir da referência tradicionalista gaúcha mesclado ao vogue, também propomos conhecer outras linguagens de corpo, e como é possível percorrer entre diversas linguagens, sempre reconhecendo seus locais de origem e sua importância. O vogue é um estilo que surge como uma das muitas manifestações das danças urbanas, cuja característica mais marcante se dá por movimentos extravagantes de braço, mimetizando as poses das modelos das revistas de moda. Tomou forma na década de 80, oriundo dos bailes das divas dragqueens e travestis norte-americanas. Bailes compostos por uma maioria de população negra LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromântiques/Agênero, Pan/Poli, e mais). Sabemos que estas pessoas que vem sendo paulatinamente dizimadas pelo estado, situação que

tende a piorar perante um governo que não está apto a incentivar uma mudança em nível subjetivo, de discurso e repercussão midiática, nem em nível de políticas públicas que incentivem a educação sexual e de gênero. Atualmente os índices de violência doméstica e de violência por motivações sexistas estão alarmantes, tais como o índice do genocídio. Cenário cruel, aonde se faz necessário mais do que nunca, pontuar o fazer artístico como fazer político.

4. CONCLUSÕES

A característica jocosa desta performance tomou mais escopo com este novo formato, uma vez que ninguém espera ver um gaúcho tradicionalista dançando vogue. Mas a alegria proposta pela ação, é também uma escolha e uma conduta política, acreditando profundamente no poder simbólico que um corpo decidido, atuante e artístico possui. Retomar esta intervenção, que sempre carregou em seu íntimo um teor de denúncia, com novas pessoas e novos recortes, mostrou como é possível ampliar para todos os lados os desdobramentos que a performance como linguagem artística nos possibilita. Refrescando ideias, renovando percepções, e criando mais possibilidade de Arte para levar para as ruas, para que as ruas sejam locais de integração e experiência possíveis para todos os corpos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

ROLNIK, S e GUATTARI, F. **Micropolítica - Cartografias do Desejo**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1986.

RANCIÈRE, J. **O Espectador Emancipado**. São Paulo - SP: WMF Martins Fontes, 2014.

Capítulo de livro

ALLEMAND, D.; HOFFMANN, C. Por aí, por aí... experiências corpográficas na cidade de Pelotas. In: TETAMANTI, D. J.; CANALI, C.; VILA, V. **Experiências Cartográficas: Exploraciones y derivas**. Buenos Aires: Margen, 2017. P. 11-21.

Artigo

ALLEMAND, D.; ROCHA, E. Arte na rua e Desdobramentos. **Conceição|Concept.**, Campinas, SP, v. 5, n. 2, p. 34-48, jul./dez. 2016

ALLEMAND, D.; ROCHA, E. Territórios criados pelo ...AVOA! Núcleo Artístico: relações possíveis entre dança e cidade. **Urdimento**, v.1, n.28, p. 253-270, Julho 2017.

BRITTO, D. F. e JACQUES, B. P. Cenografias e Corpografias Urbanas Um diálogo Sobre as Relações do Corpo e Cidade. **Cadernos PPG-AU/UFBA**, v. 7, Edição Especial Paisagens do corpo, 2008.

HOFFMAN, C. ALLEMAND, D. LESSA, H. LEÃO, S. (Con)tradição: transformações performáticas a partir de diferentes contextos. **COLEÇÃO EXTENSÃO E SOCIEDADE DA UFPEL: Ações Extensionistas e o Diálogo com as Comunidades Contemporâneas**, v.2, p.10-27, 2019.